

Ernst Cassirer. Kant – vida e doutrina.
Tradução de Leonardo Rennó R. Santos
e Rafael Garcia. Petrópolis, Vozes, 2021,
400 pp.

Pedro Paulo Pimenta¹

Universidade de São Paulo/CNPq

O livro de Cassirer sobre Kant, um clássico, permaneceu inédito em língua portuguesa por mais de 100 anos (a primeira edição alemã é de 1918). Essa lacuna inexplicável, se levarmos em conta o avançado estado dos estudos kantianos no Brasil, é agora preenchida graças à iniciativa da editora Vozes e ao empenho de Leonardo Rennó e Rafael Garcia. A espera foi recompensada. A tradução que ora vem a público é cuidadosa em relação ao original, rigorosa no que se refere aos textos de Kant e à terminologia neles empregada (recorrendo a algumas das melhores traduções existentes no B), e, não menos importante, é fluida, dando conta da elegante prosa de Cassirer e de seu estilo inconfundível, marcado por iguais doses de inteligência, erudição e urbanidade.

Mas, se *Kant - vida e doutrina* é um clássico, seria ainda uma obra relevante? A pergunta indecorosa é, no entanto, cabível, levando-se em conta a massa do que foi publicado a respeito de Kant nos últimos 100 anos – o que faz dele um dos autores mais lidos e mais comentados em toda a história da filosofia. Uma estudante, por exemplo, que citasse em seu trabalho de conclusão de graduação apenas textos sobre Kant escritos antes de 1950 seria reprimida por sua tutora ou pela banca examinadora pela falta de “bibliografia atualizada”. Por esse critério, Cassirer não poderia constar de uma lista de referências bibliográficas que se queira respeitável. Falecido em 1945, suas obras se encontram em domínio público. A Escola de Marburgo, tão influente em sua época, há muito deixou de pautar a interpretação de Kant, que, após, muitas reviravoltas, é atualmente marcada por uma inflexão graças à qual a *Crítica da razão pura*, alicerce do sistema, tem sido lida em vista da *Crítica da razão prática*, ponto culminante do edifício crítico (ao qual a terceira Crítica viria a acrescentar alguns retoques). Quanto a Cohen e os seus (no caso, Cassirer e Natorp), viram no projeto crítico uma epistemologia, reservando à moral um lugar de importância, por certo, mas de modo algum tomando-a como o ponto de fuga, por assim dizer, do projeto kantiano.

Sem dúvida, trata-se de uma caricatura grosseira. Mas poderia ser legitimada, até certo ponto, pelo célebre (e pouco lido) livro de Cohen², e mesmo, em alguma medida, pelo próprio Cassirer, ao menos se nos restringirmos ao primeiro volume de *Das Erkenntnisproblem*³. Essa impressão distorcida não resiste, porém, às primeiras páginas de *Kant - vida e doutrina*, livro complexo, alheio a simplificações.

¹ E-mail: pedronamba@gmail.com

² Herman Cohen, *Kants Theorie der Erfahrung*, 1871 (3a edição: 1918).

³ Ernst Cassirer, *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit*, vol. 1, 1906.

Como observa Rafael Garcia na apresentação, o Kant de Cassirer é um personagem monumental, com traços heroicos, que adquire a envergadura de um Goethe, e figura como um dos grandes arautos da civilização europeia (ou, para falarmos com os alemães, da *cultura* europeia), tal como ela se afirmou na época da Revolução Francesa. Essa caracterização tem impacto direto na maneira como Cassirer entende o pensamento kantiano.

A argumentação de Cassirer apresenta uma interpretação do conceito de liberdade mais próxima da concepção liberal, como liberdade individual, que ele faz questão de associar à Revolução Francesa, em oposição à concepção de liberdade como dever para com a comunidade popular cuja matriz seria “genuinamente” alemã. Uma das intenções de Cassirer seria a de contar o “outro lado da história”, reconstruindo as bases do espírito alemão em sua interconexão com o desenvolvimento espiritual das “outras grandes nações europeias” para “tornar visível a grande e firme linha deste desenvolvimento em si, e reconhecer as forças independentes nas quais sua unidade interior está fundada”. Nesse sentido, a defesa veemente de uma unidade europeia supranacional apenas sob a qual as unidades nacionais se constituíram e em relação às quais mantêm a sua unidade profunda, se contrapõe ao “chauvinismo espiritual”. (Garcia, p. 10).

Por aí já se vê que o filósofo da epistemologia é também, na pena de Cassirer, o da moral e do direito, leitor de Rousseau, filósofo este que, como ele diz na introdução, “vale para Kant como o Newton do mundo moral, que revelou suas leis e seus móveis mais secretos” (p. 21)⁴. Aberto à Europa das Luzes, Kant teria sido avesso ao paroquialismo de seus críticos mais veementes, de certas vertentes do Romantismo alemão e mesmo, como lembra Garcia, de Fichte, cujo resolutivo cosmopolitismo se converteu em nacionalismo na época das Guerras Napoleônicas. Acrescentemos que essa abordagem do teor geral da filosofia kantiana a partir do caráter do homem Kant serve ainda a Cassirer, profeticamente, como estratégia preventiva, arma de combate e mecanismo de distanciamento em relação à sombria ideia, que ganha força em 1933, de Kant como filósofo autenticamente alemão, em contraposição, notadamente, à fenomenologia de Husserl, que, na visão de um antigo pupilo convertido à nova causa política, seria maculada pela origem semita do autor⁵. O próprio Cassirer, também ele judeu, exilado a partir de 1933 na Grã-Bretanha, depois na Suécia, por fim nos Estados Unidos, se manteve fiel aos ideais cosmopolitas que sempre pautaram sua reflexão e o levaram a frequentar alguns dos mais avançados círculos intelectuais da Alemanha de sua época, como, por exemplo, aquele que se reunia em torno de Aby Warburg em Hamburgo e que incluía, entre outros, Fritz Saxl e Erwin Panofsky⁶. O contraste não poderia ser mais acentuado, em relação às tendências de outros intérpretes de Kant na mesma época⁷.

O Kant que desponta nas páginas de Cassirer é, acima de tudo, o filósofo que deu ao grande evento intelectual de sua época – a ciência newtoniana, ou simplesmente “filosofia natural” (*Philosophia naturalis*) – um fundamento conceitual estável e coerente. Isso coaduna com o caráter iluminista que Cassirer atribui a Kant⁸. O engajamento de Kant, esse leibniziano resolutivo, com o sistema newtoniano, data de seus primeiros escritos sobre a teoria da terra, e, como mostram as folhas do *Opus postumum*, o filósofo nunca deixou de meditar sobre as consequências da gravitação e da atração universais para a filosofia transcendental e para tudo o que está implicado nela, incluindo-se aí não apenas as ciências naturais, mas também a moral, o direito e a antropologia. Em suma, o newtonianismo de Kant é tão indissociável de seu iluminismo quanto sua moral o é

⁴ Cassirer volta à questão em *Das Problem Jean-Jacques Rousseau*, 1932.

⁵ Ver George Leaman e Gerd Simon, “Die Kant-Studien im Dritten Reich”, in: *Kant-Studien* 85, 1994, 443-469.

⁶ Um testemunho dessas afinidades intelectuais é oferecido pelo próprio Cassirer no “Epitáfio a Aby Warburg (1929)”, tradução de Isabel Coelho Fragelli; in: *Revista Discurso* 46 (1) 2016.

⁷ Estudiosos destacados de Kant, como Baeumler, Lehmann, Vleeschauer e Heimsoeth, sem esquecer de Heidegger, comprometeram-se ativamente, em maior ou menor medida, com a ideologia nacional-socialista.

⁸ Kant é, como se sabe, o personagem central de *Die Philosophie der Aufklärung*, 1932.

de sua “epistemologia”. Cassirer dedica boa parte do livro a esse assunto, inscrevendo-o em continuidade direta com as análises oferecidas em *Das Erkenntniss Problem*. Encontra-se aí todo um programa de investigação e interpretação da filosofia kantiana, no qual a “ideia nuclear”, como explica Garcia, “é a de método transcendental (ou método crítico), difundida por Cohen” e que “pode ser sintetizada” na proposta de “partir do faktum da ciência e buscar por suas condições de possibilidade”. (Garcia, p. 8). Ou, se quisermos: Cohen, Natorp e Cassirer pressupõem, com Kant, que a ciência em geral, e a newtoniana em particular, não oferece, ou é incapaz de oferecer uma reflexão satisfatória acerca de suas próprias condições de possibilidade. Nessa visão, a *Crítica da razão pura* viria dar ao sistema newtoniano uma solidez que ele por si mesmo não tem. A laboriosa construção da estética transcendental, que Cassirer comenta a fundo, e da Analítica transcendental, que, igualmente, lhe interessa de perto, teria o intuito de mostrar o que subjaz ao sistema de Newton, e que ele mesmo não percebeu.

A tese é expressamente enunciada à página 172, na qual Cassirer cita uma conhecida passagem dos *Prolegômenos* em que Kant afirma que aqueles matemáticos que também foram filósofos questionaram a objetividade da aplicação da sua ciência aos objetos físicos; e comenta, com uma clareza que não costuma ser encontrada em tomos de filosofia às voltas com pesadas questões de metafísica, o seguinte:

Não se entendeu aqui que precisamente este “espaço do pensamento” torna possível o físico, ou seja, a expansão da própria matéria: que o mesmo procedimento através do qual esboçamos a imagem do espaço “ideal” na geometria pura também nos serve para estabelecer um nexo de grandeza e uma relação de grandeza entre os elementos sensíveis-empíricos. Todas as reservas contra isso são apenas “chicanas de uma razão falsamente instruída” que não pode encontrar o verdadeiro fundamento para o seu próprio conhecimento, porque o procura falsamente num mundo de coisas transcendentais, em vez de nos seus próprios princípios. Enquanto considerarmos as determinações matemáticas puras como *dados* da experiência, uma vez que toda a medição empírica é necessariamente imprecisa e encerra em si certas fontes de erro, não podemos obter segurança completa da precisão destas determinações. Mas ela nos é imediatamente concedida assim que aprendemos a compreender a grandeza como um *princípio* e não como uma propriedade. Que o espaço é uma condição formal a priori da experiência externa, que a mesma síntese constituinte, pela qual construímos um triângulo na imaginação, é inteiramente idêntica àquela que exercemos na apreensão de um fenômeno para daí produzirmos para nós um conceito da experiência, apenas isso é o que conecta com esse *conceito* a representação da possibilidade de uma tal coisa. (Kant - *vida e doutrina*, p. 172)

Haveria muito a dizer em prol dessa linha de interpretação, a começar pelo fato de que ela traz à luz a estratégia kantiana de apropriação do newtonianismo e permite situá-la como um capítulo central da história da filosofia natural no século XVIII⁹. Kant chegou a contribuir para a ciência, oferecendo em seu primeiro escrito, a *Teoria do céu*, de 1755, uma hipótese sobre a formação do sistema solar, depois conhecida pelo nome de “Kant-Laplace”, devido à formulação, pelo matemático francês, de uma explicação similar à de Kant na *Exposition du système du monde* (1796). Muito antes, portanto, de constatar que a Filosofia Natural carecia de fundamento filosófico, Kant pôde verificar por conta própria que ela se sustentava como ciência. Outros chegaram a esta mesma conclusão, aceitando, inclusive que a ciência de Newton era suficientemente filosófica: Madame du Châtelet, Clairaut e d’Alembert na França; Euler e outros na Alemanha. Cassirer conhece bem essa literatura, e esmera-se por vezes em citá-la e comentá-la, sem, contudo, abrir mão do a priori metodológico que orienta sua investigação. Outras versões do newtonianismo no século XVIII, em física ou em filosofia, despontam como inevitáveis prelúdios à (de resto, indubitavelmente genial) síntese kantiana. À diferença

⁹ Para uma história da Filosofia Natural de Newton no século XVIII ver Alexandre Koyré, *Études newtoniennes*. Paris: Gallimard, 1968.

de seus pares, no entanto, Kant percebeu que a matemática aplicada aos objetos da experiência oferece não tanto um modelo de ciência a ser imitado pela filosofia quanto a mais perfeita exposição dos procedimentos de uma razão a ser examinada a partir de métodos próprios¹⁰, ou, que seja, do “método transcendental” aludido pela Escola de Marburgo.

É evidente, portanto, o mérito da ênfase de Cassirer no newtonianismo de Kant, mesmo porque esse viés de interpretação permite a ele, na esteira de Cohen e com sofisticação ainda maior, identificar na filosofia transcendental uma “continuidade metodológica que permite a urdidura sistemática entre a primeira e a segunda críticas” e destas com a terceira; “dada essa abordagem, tanto o sistema como o método” de Kant “são entendidos não como estruturas acabadas, mas como ‘forças moventes e propulsivas’ do pensamento de Kant” (Garcia, 8; a expressão citada é de Natorp). Tais “forças”, como Cassirer mostra em diferentes momentos, perpassam a obra de Kant, para além da célebre, muitas vezes pertinente, mas mesmo assim postiça clivagem entre um período “pré-crítico” e outro “crítico” no seu pensamento. Para Cassirer, ocorre que Kant, leitor de Newton e de Leibniz, a certa altura levanta questões conceituais que apenas depois serão satisfatoriamente resolvidas; amadurece intelectualmente, e, a certa altura – a famigerada década de 1770 – atina com uma solução sistemática para eles, inserindo-os numa perspectiva global que a produção algo rapsódica das décadas de 1750-60 não fora capaz de oferecer.

Cassirer explora essa abordagem com destreza, oferecendo análises profícuas e produzindo verdadeiros *tour de force* ao longo do livro. Que me seja permitido citar por extenso uma passagem particularmente feliz, extraída do capítulo 2:

No ensaio *Que Significa Orientar-se no Pensamento?* (1786), no qual investigava o sentido exato da expressão, Kant sublinhou três diferentes significados básicos para o conceito de orientação. O primeiro significado, em que a raiz sensível da palavra é ainda claramente reconhecível, diz respeito à orientação no *espaço*. Ele indica a determinação dos pontos cardinais que estabelecemos a partir do lugar onde o Sol nasce. Ao lado deste conceito *geográfico* emerge, em seguida, o sentido *matemático* pelo qual se busca encontrar a distinção das direções num dado espaço em geral, sem que seja necessário criar um referencial a partir de um objeto *em específico* e do seu lugar (algo como o lugar onde o Sol nasce). Neste sentido, nós nos “orientamos” num quarto escuro que nos seja familiar quando nos é dada a posição de um objeto qualquer (seja ele qual for), porque com a constatação desta posição também são descobertas as outras a partir da relação conhecida de “direita” e “esquerda”. Em ambos os casos permanece, porém, o fundamento meramente sensível do procedimento ao qual recorreremos, pois as direções opostas de “direita” e de “esquerda” se baseiam meramente no sentimento de uma distinção para o próprio sujeito, a saber, a mão direita e a esquerda. O último e mais alto nível só é atingido quando passamos da orientação “geográfica” e “matemática” para a *orientação lógica* em sua acepção mais geral, segundo a qual não se trata mais de determinar o local de uma coisa no *espaço*, mas o lugar de um juízo ou de um conhecimento no sistema universal da razão. A distinção e progressão que Kant indica aqui são empregadas no seu próprio desenvolvimento intelectual. Ele também começa com a orientação físico-geográfica. O que constitui o primeiro objeto do seu interesse em ciências naturais é a Terra segundo a multiplicidade e origem de suas formações, assim como o seu posicionamento no cosmos. *A Investigação da questão, se a rotação da Terra em seu eixo (...) sofreu alguma mudança desde a sua origem*, assim como a solução do problema, se é possível em termos físicos falar de um envelhecimento da Terra, formam em 1754 o início da sua atividade de escritor no campo nas ciências naturais, ao

¹⁰ Uma discussão desse ponto se encontra na estudo clássico de Jules Vuillemin, *Physique et métaphysique kantienne*. Paris: PUF, 1955; num registro mais filológico, consulte-se o excelente comentário de Michael Friedman, *Kant's Construction of Nature* (Cambridge: Cambridge University Press, 2015), que dá especial ênfase à discussão de Kant sobre Newton nos *Primeiros princípios metafísicos da natureza*.

que ainda se acrescentam investigações específicas sobre a teoria dos ventos, bem como sobre as causas dos terremotos e dos eventos vulcânicos. No entanto, todas estas questões específicas já se encontram concebidas em vista de um grande tema fundamental daquela época, o problema universal da *Cosmogonia*, cuja apresentação geral é encontrada na *História Natural Universal e Teoria do Céu*. Mas mesmo essa tentativa de um esclarecimento cabal dos fenômenos naturais se mostra insuficiente, assim como não são compreendidos com clareza os princípios e os últimos “fundamentos” teórico-empíricos dos acontecimentos naturais. A partir daqui, o interesse pela orientação se projeta primordialmente nesta direção. Do âmbito da descrição natural e da história natural universal, Kant agora se vê impelido com crescente determinação para o âmbito da *filosofia natural*. A *Monadologia Física* justifica e defende uma nova forma de *atomística*, enquanto que a *Nova Doutrina do Movimento e do Repouso* busca remover uma obscuridade que permaneceu na própria fundamentação da física, na definição dos primeiros conceitos fundamentais da mecânica. E novamente a análise se expande e se aprofunda ao se voltar dos primeiros elementos da física para aqueles da matemática. Uma elucidação completa sobre as relações e leis das magnitudes de que trata a ciência natural só pode ser esperada quando forem inteiramente compreendidas as próprias condições da magnitude, quais sejam os pressupostos para a determinação e medição matemática. A esse respeito, o *Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia* de 1763 obtém um primeiro resultado importante: os conceitos de “direção” e “direção oposta” são aqui definidos e aplicados num sentido mais fecundo. Com isto, porém, é também indicada simultaneamente e em contornos claríssimos a oposição que existe entre pensamento silogístico e matemático, entre a lógica da escola e a lógica da aritmética, da geometria e da ciência natural. Assim, a antiga pergunta sobre os “limites” entre a matemática e a metafísica ganhou um novo conteúdo. Todos os trabalhos dos anos seguintes se referirão direta ou indiretamente a esse problema central, que encontra sua formulação sistemática completa no escrito *Forma e princípio do mundo sensível e do mundo inteligível* (1770). Mais uma vez, mostra-se que aquilo que é inicialmente apresentado ali como solução final imediatamente se desintegra num complexo de perguntas difíceis. Mas a nova direção geral está traçada de uma vez por todas e será fielmente mantida daqui por diante. No lugar da determinação do cosmos espacial emerge a determinação do cosmos “intelectual”: o geógrafo empírico se transformou no geógrafo da razão, o qual assume a tarefa de mensurar o escopo completo das faculdades da razão segundo princípios determinados. (*Kant - vida e doutrina*, pp. 51-53).

Seria um equívoco querer concordar ou discordar dessa interpretação. Ela oferece coordenadas, e pode até ser rechaçada, mas se mantém enquanto exemplo de leitura filosófica. Diante de um trecho como esse, quase somos levados a aplicar ao filósofo Kant os rótulos de “jovem”, “maduro” e “tardio”, com frequência utilizados na crítica literária (e mesmo na filosofia, como Adorno a propósito de Beethoven). Kant em 1786 é, sem dúvida, o mesmo autor que em 1763 ou em 1770; mas algo mudou, e cabe ao intérprete identificar essa mudança, expondo-a, entretanto, à luz de uma continuidade e coerência intrínsecas ao pensamento filosófico que se constitui na escansão do tempo.

Cassirer não evita apenas o anacronismo interno. Critica igualmente a projeção das inovações kantianas em produções intelectuais posteriores, que não se encontravam no horizonte da Crítica. É o que vemos em sua interpretação sobre a terceira Crítica, obra apresentada por ele “não como uma mera consequência sistemática” das Críticas anteriores, “mas como essencialmente expansiva e voltada à abertura de novos campos de problemas” (Garcia, p. 12). Cassirer lê a *Crítica da faculdade de julgar* com lentes que ressaltam a originalidade do livro e lhe permitem evitar os anacronismos que volta e meia costumam ser perpetrados na interpretação na mais enigmática das Críticas. Um bom exemplo é esta consideração sobre o aporte da 2ª parte da obra, dedicada à reflexão teleológica, para as ciências naturais, em especial a história natural e a biologia (então nascente). A CFJ veio a público, como se sabe, em 1790; estaria ela situada num ponto de passagem entre a velha história natural e a emergente teoria da evolução? Pode

ser que sim, concede Cassirer; mas, se insistirmos nesse ponto, perderemos de vista o mais importante:

A filologia e a crítica modernas de Kant muitas vezes falharam nessa questão geral, sobretudo porque na sua avaliação sistemática dos pensamentos de Kant elas aderiram unilateralmente ao conceito estrito de “evolução” [*Entwicklung*] que havia ganhado importância na biologia científica na segunda metade do século XIX. Mesmo a excelente investigação de Stadler sobre a teleologia de Kant se ajusta exclusivamente a uma comparação entre Kant e Darwin. Assim como a visão da natureza de Goethe foi mais enaltecida pelo fato de que Goethe foi tachado como “darwiniano antes de Darwin”, também se procurou levar a cabo a mesma característica para Kant - cujo conhecido dito, que seria “absurdo para as pessoas” conceber o impacto de uma explicação mecânica dos seres organizados e esperarem por um “Newton da folha de grama”, precisaria aqui ser lembrado com atenção especial. Na verdade, porém, a posição histórica da *Crítica da faculdade de julgar* só pode tornar-se completamente clara se resistirmos à tentativa de projetar a obra do ponto de vista da biologia moderna e a considerarmos apenas dentro do seu próprio ambiente. A *teleologia metafísica*, tal como se desenvolveu nas mais diversas transformações e ramificações desde a antiguidade até ao século XVIII, constitui o material para a questão crítica de Kant. Isso não significa que ele recebe dela as diretrizes decisivas de seu pensamento, mas apenas que através dela se designa a totalidade dos objetos-problema, aos quais também sua solução quer se ajustar. Talvez em nenhum lugar o contraste entre essa solução e as categorias tradicionais do pensamento metafísico se destaque com tanta perspicácia e clareza como neste ponto. Em nenhum lugar a “revolução crítica da forma de pensar” se mostrou tão decisiva como aqui, onde a metafísica é perscrutada numa área que é considerada desde tempos imemoriais como seu distrito exclusivo e seu domínio verdadeiro. Aqui, também, Kant começa com aquela inversão da questão que corresponde ao seu plano metodológico geral. Não é a peculiaridade das *coisas* que cativa o seu olhar; não tem a ver com as condições para a *existência* de estruturas [*Gebilde*] conformes a fins na natureza e na arte. (*Kant - vida e doutrina*, p. 273)

Com elegância habitual, Cassirer sequer menciona o fato de que a questão da *Entwicklung* não pertence tanto a Darwin (que tem uma teoria da *natural selection*) quanto a Haeckel, seu mais genial leitor alemão. Já a menção a Goethe a propósito de outro contrassenso (um “darwiniano antes de Darwin”) envia-nos diretamente à *Metamorfose das plantas* e outros escritos de história natural¹¹ nos quais se encontra a formulação de princípios afins aos de Kant e sua aplicação ao estudo da natureza no âmbito de uma ciência à parte, a morfologia. Observações preciosas, que contam entre as muitas que o leitor brasileiro encontrará nas páginas deste Cassirer já centenário, porém novo entre nós.

¹¹ Goethe, *A metamorfose das plantas*. Tradução Fabio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2019.